



DR. OSWALDO GONÇALVES CRUZ

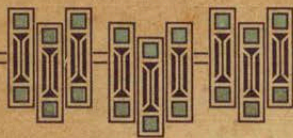


DISCURSO

Pronunciado na
Academia Brazi-
leira de Letras.



(26 de Junho de 1913)



Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz

DISCURSO

Pronunciado na Academia
Brazileira de Letras ----

(26 de Junho de 1913)



RIO DE JANEIRO

Typ. Rôhe — General Camara, 128

1913



ONSTITUE sempre motivo de prazer o encontrar oportunidade para manifestar reconhecimento pelo que de bem se nos faz. Tanto maiores são esses sentimentos de gratidão, quanto sou o primeiro a reconhecer que razões de especial indulgência foram os moveis dos atos e feitos que motivaram a minha presença hoje aqui.

É proprio, porém, dos homens não medir a extensão de suas manifestações, já no louvar já no censurar, e tanto mais acerba é a censura e tanto mais acrimoniosa a invetiva, quanto mais enérgica, quanto mais intensa, quanto mais exajerada, mesmo, será a reação contrária: a censura se transfigura em elogio, a injúria em louvor, a ofensa em encomio. Tudo isto se deu neste caso concreto por um desses caprichos costumeiros da sorte, que faz mudar a direção da corrente das opiniões. A reação é às vezes mais intensa que a ação, fenómeno, aliás, que a biologia consagrou numa lei, que de Weigert tomou o nome. Foi por isto que um modesto homem de laboratório, um trabalhador que só tem o merito de prezar, antes de todas as cousas, a profissão que abraçou, depois de atacado com veemência, no começo de sua vida publica, se vê elevado á culminancia que hoje atinge — tomando logar entre os que formam a elite da intelectualidade brasileira. Verdade é que este que hoje se sente feliz em mostrar o fundo do coração, bem sabe, bem sente, que a suprema honra, que lhe é conferida, tem

menos em mira sua insignificante personalidade que os médicos, higienistas e experimentadores abnegados, que abraçando o ideal de que foi ele apenas o porta-bandeira, quizeram acudir ao apelo de Governo previdente e sábio e empregaram o melhor de sua atividade e talento, uns, no libertar nossa pátria de mancha vergonhosa que a enluta, e outros no lançar entre nós, de maneira sólida, as bases da medicina experimental.

O acaso e um conjunto feliz de circunstâncias fizeram com que o mais humilde dentre eles fosse o depositário da força e confiança dos que governavam. Toda a honra, pois, todo o brilho que emana da suprema distinção que ora se concretiza, cabe, em realidade, aos verdadeiros fatores da obra, que a necessidade de sintetizar atribue a quem se aproveitou desta ocasião para vos dirigir, Senhores Acadêmicos, um muito sentido «*obrigado*». Aqui está, pois, quem receberá desta casa todo o brilho que dela emana, e que, infelizmente, em nada poderá contribuir para aumentar aquele que daqui parte e já nos ofusca.

Cabe ao recipiendário de hoje a árdua tarefa, e para ele difícil, de rememorar aqui — o que faz com profunda emoção — o que foi aquele, cuja herança pesada lhe coube nesta ilustre agremiação.

A cadeira de Bernardo Guimarães, onde se sentou Raymundo Corrêa, está de luto e de luto ficará, porque o poeta genial que a ilustrou, não teve substituto. Sua vaga, como acadêmico, foi apenas preenchida.



No julgamento de um autor podem ser seguidos dous caminhos: analisar a obra através do indivíduo ou idealizar o indivíduo pelo estudo da obra.

Esta segunda vereda foi aqui a trilhada.

Não logrou, quem vos tem a honra de falar, a ventura de conhecer, em pessoa, a Raymundo Corrêa. Nem puderam mesmo ser utilizadas aqui as idéas que, à simples vista da personagem se costumam formar. Raymundo Corrêa foi julgado por sua obra e pelas informações que amigos seus diletos bondosa e gentilmente quize-

ram pôr a serviço da verdade — pelo que ora se lhes rende o mais sentido preito de gratidão.

A personalidade do nosso biografado será encarada sucessivamente como homem, como juiz e como poeta. Esta última separação se tornava especialmente necessária, porque ele assim, em vida, ciosamente a fazia. Não tolerava que lhe falassem em poesia, quando funcionava como magistrado. A esse propósito conta-se, mesmo, um fato interessante que com ele se passou, quando promotor público: Foi procurado certa vez, em S. João da Barra, por certo chefe político, que com ele desejava se entreter em particular: — Contaram-me, doutor — disse — uma coisa muito grave a seu respeito, mas, confesso-lhe, não acreditei. Para tranquilidade minha, porém, desejei ver a verdade surgir de seus próprios lábios — e, tremulo de emoção, confuso, receando proférir injúria ou blasfêmia, murmurei junto ao ouvido de Raymundo Corrêa: — Disseeram-me que o senhor é poeta, mas eu não creio — repito.

Excusado é dizer que o Dr. Promotor defendeu-se com veemência contra a *ofensa* que se lhe fazia e autorizou o amigo a lançar aos quatro ventos o mais formal desmentido.



A 13 de Maio de 1860, a bordo do vapor *S. Luiz*, na baía de Mangunça, nas costas do Maranhão, nacia Raymundo da Motta Azevedo Corrêa. Depois dos indispensáveis estudos de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde, em 1882, recebeu o diploma de bacharel. Abraçando a magistratura, exerceu os cargos de promotor público em S. João da Barra, juiz municipal em Vassouras (Estado do Rio), pretor da 2.^a Pretoria da Capital Federal, e, finalmente, juiz da 3.^a Vara Cível do Distrito Federal. Foi Secretário do Governo da então provincia do Rio de Janeiro, quando Presidente o Conselheiro Carlos Affonso, Diretor de Secretaria e professor da Escola de Direito de Ouro Preto, quando Presidente do Estado o Conselheiro Affonso Penna, Professor e Diretor do Ginásio de Petropolis, durante o Governo Alberto Torres. Na presidencia Prudente de Moraes foi nomeado adido de legação em Portugal.

A bondade formava o traço dominante do caráter de Raymundo Corrêa. Em todos os atos de sua vida, quer como chefe de família, quer como juiz, quer como professor, era a característica desse espírito, que se movia num ambiente que impregnava daquele sentimento. Irritado por vezes, reagia dolorosamente sobre ele os atos que um transitorio arrebatamento fazia nacer, mas que logo se transfiguravam em fatos que a sua inexgotável bondade exalava, procurando fazer esquecer aquilo que dali por diante lhe era motivo de constantes nevalhas d'alma. Sofia, e, com carinhos inextinguíveis, procurava esquecer o mal, que, por arrebatamento de um instante, pensara causar, magoando a quem quer que fosse, amigo ou não.

Impressionável em excesso, tudo se lhe aumentava e sofria mais que outros, de cousas em aparência insignificantes.

Tinha verdadeiro pavor das molestias contagiosas, não por si, mas pelo perigo a que ficaria sujeita sua família.

Certa ocasião, de caminho para Ouro Preto, teve que pernoitar na Barra do Pirahy. Ao decair à cidade encontrou-se com um doente, que lhe informaram estar atacado de varíola. Perdeu imediatamente toda a alegria, ficou pensativo, indagava dos amigos o que sabiam sobre a sintomatologia inicial da terrível peste. Não se alimentou e ao se recolher ao aposento, em casa do amigo o que hospedava, mostrou-se inquieto, desasossegado, o que naturalmente provocou interações: — se lhe faltava alguma coisa, se de algo carecia? Ao que, tímida e veladamente Raymundo Corrêa respondeu: que nada lhe faltava, que estava bem, mas que desejava saber, caso se sentisse mal à noite, de que recurso deveria lançar mão para chamar alguém. Não havia instalações de campainhas electricas, nem de telefonos internos. Deram-lhe uma bengala e convencionado ficou que, se carecesse de alguma coisa no correr da noite, deveria bater com o bastão de encontro ao soalho até que o atendessem. Ficou assim convencionado, e, como a noite já ia adiantada e o cansaço convidava ao sono, retiraram-se todos para os aposentos que lhes estavam reservados. O silencio invadiu a morada, os ecos da conversa de ha

pouco desapareceram nas espaçosas salas da casa de campo. Mas, se houvesse alguém despertado, este teria ouvido passos abafados no quarto de Raymundo Corrêa. O poeta não dormia, embora extenuado por longa viagem. A vela continuava acesa. Contava as pulsações, sentia a cabeça a estalar, estava nauseado e torturava-o intensa dor de cadeiras. Não havia duvida, era a sintomatologia da varíola de que lhe tinham falado. Estava febril, a incomodar os amigos, mas paciência; se o não fizesse, não se trataria a tempo e infetaria a família querida e os amigos dedicados. Às 3 horas da madrugada, toda a casa despertava com o bater repetido da bengala de Raymundo Corrêa sobre as taboas do soalho do quarto. Acudiram pressurosamente os amigos e difficil foi convencer ao impressionável poeta que as dores de cadeiras eram muito naturais, após tão extenuante viagem, que a cefaléa era fatal com tão longa vigília, e a preocupação era justificativa mais que razoável para as acelerações do pulso. Que se acalmasse, a impressão podia fazer com que suas resistências naturais soffressem e poderia então adoecer e, desta vez, seriamente. Com os bons argumentos de que a boa amizade sabe sempre lançar mão, voltou o socego áquele espirito impressionável, que vibrava sempre ás menores solitações.

A indecisão constituia outro traço de seu temperamento. Mas é a indecisão lojica argumentada, é a consequência de trabalho cerebral metucioso, que analisa com cuidado antes de resolver, e que sofre quando, por motivos imprevistos, a análise não pode ser completa e quando se convenceu de que a resolução era ainda passível de modificações.

Recorda-se um fato da vida de Raymundo Corrêa, que vem, de modo grosseiro, embora, mostrar a que ponto levava a minúcia da análise, mesmo nos casos mais simples da vida diaria. Recolhia-se Raymundo Corrêa ao lar, de volta de excursão que fizera, em virtude de desempenho de obrigação do cargo que exercia. Poucos minutos faltavam para a partida do comboio. Quiz adquirir um par de calçados para pessoa de família. Pressuroso, um amigo o levou à casa mais proxima, onde se poderia encontrar o objeto desejado. O negociante trouxe a coleção completa do que possuía. Todas as cores e de-

las os matizes mais varios estavam representados. Tratava-se de escolher. Começou a dificuldade. Foram abandonadas, lentamente, uma a uma, diversas cores, e a escolha teria que se fazer, finalmente, entre o vermelho e o azul. O trem dera o primeiro sinal de partida e Raymundo Corrêa fazia passar as cores escolhidas pela feira de seu julgamento de poeta. O vermelho — dizia — tem a cor do sangue e o sangue é a vida, é com ele que a natureza tingiu os labios da mulher; vermelho era o cravo provocante da Carmen sensual, vermelha era a toga dos Romanos, é a purpura cardinalia; é uma cor evocativa de vida, de vigor, de glorias passadas e de honras atuais. Decidir-se-ia pelo vermelho... Mas não, — vermelho é o sangue que do inocente faz correr o assassino, é a papoula que simboliza o sono eterno, vermelho é o véu que envolve a colera e a peste — vermelha é a variola. Não, vermelho nunca — prefiro ainda o azul, que é a cor do céu, que é o matiz dominante das azas das nossas borboletas, azul é a miosote expressiva da lenda da Rheno e que agora bem traduz a intenção de meu pensar. O trem dava sinal de partida, o calçado foi envolvido às pressas num pedaço de jornal. Após a escolha, o poeta, que se conservara mudo e pensativo, tomava rapido o trem, já em movimento, sem mesmo se despedir dos amigos. Eis que, nervoso, ele assoma à janela de um dos vagões, e os amigos, que esperavam o adeus, que se não dissera e a despedida que se não fizera, viram ao longe Raymundo Corrêa, que, ajitando o embrulho, gritava-lhes: « *Antes tivesse trazido os vermelhos!* »

Tinha por habito forçar a inspiração com uso de excitantes cerebrais. Veiu a molestia e os medicos proibiram o uso deles: quando se tratou, porém, do fumo, Raymundo relutou: « Se deixo de fumar, deixo de cantar — dizia — e não cantando sei que mais rapido morrerei »; e não deixou de fumar, e, poeta, morreu cantando, reclinado sobre o seio da esposa amantissima, de volta de passeio ao evocativo jardim das *Tuileries*.



Foi para Raymundo Corrêa enorme tortura quando certa reforma judiciaria veio estabelecer o julgamento

de alguns crimes pelos juizes singulares. Teria, por si só, de resolver da sorte e da liberdade de individuos, visto que fôra investido das funções de pretor, a quem competiam julgamentos tais. O menor pleito judiciario era para ele verdadeiro caso de conciencia. Pesava todas as circunstancias, procurando sempre se apegar àquelas que fossem atenuantes, quando não podia encontrar-as dirimentes. Sabia pelo estudo da historia da criminologia, que as provas materiais, mesmo as que parecem mais nitidas, mais eloquentes, podem não valer cousa alguma. Ciente estava que seu julgamento podia, sinão destruir a vida, ao menos aniquilar a honra de um individuo, ou, o que é mais, de uma familia. Quando tinha de se pronunciar de modo categorico, o nosso *bon jui* sofria, torturava-se e sempre que possível era, absolvia o reu. Naturalmente, se assim o fazia, é que, mesmo nos casos patentes de crime, se tinha podido apegar a uma dessas nugas que a pragmatica forense exige, e cuja não observancia pode tornar nulo o processo ou insubsistente a ação judicial. As agitações intimas que se desencadeavam no cerebro e coração de Raymundo Corrêa eram verdadeiras procelas. Muitas vezes, a razão votava condenando, mas o coração absolvia e nesta difficilima conjuntura, em que espiritos menos perfeitos vacilariam em se resolver ou pelo cerebro ou pelo coração, o nosso juiz encontrou a fórmula verdadeiramente milagrosa, ditada pelo coração com pleno assentimento da razão e que deve servir de norma, de roteiro para aqueles que têm de exercer o difficilimo mistér de julgar e punir. Raymundo Corrêa, com sua intelligencia primorosa, com sua cultura juridica perfeita, sabendo a fundo o valor das leis, o porquê e o para quê foram elas feitas, pensou — e pensou muito bem — que o juiz não deve ser um automatô, que se não deve cinjir exclusivamente ao texto escrito, senão interpretar e aplicar, com intelligencia e bondade ao caso concreto as disposições legais correlatas.

Assim, pensava, que o castigo, a punição e o publico vexame só valiam como tais. Para certos espiritos, essas medidas eram contraproducentes; obrigavam a seguir sempre pelo caminho do mal, individuos que, dotados de bom temperamento, foram vítimas de reflexo de momento, que fez com que incidissem em penalidades

dos códigos, tornando-os eventualmente delituosos. Ora, observou Raymundo Corrêa, conhecedor como era da psicologia humana, que para tais pessoas mais valia que se lhes reconhecendo o crime, não se lhes desse o público castigo, a que tinham feito jus, segundo a lei escrita. Absolvía. Com um apelo em regra aos bons sentimentos que restavam, e, por vezes, sobravam, entregava o criminoso de novo à sociedade, cobrindo-o com o veu protetor da bondade. Com o estímulo que fazia aos bons sentimentos, despertava-os e, assim acariciado, e preso pela gratidão, fazia bom e útil tal indivíduo, que num desvario de momento se tornara criminoso, ou a tal outro, que mal orientado na vida, sem o apoio de palavra ou conselho amigo se constituía, quasi incientemente culpado, ou ainda aquele que, vítima da injustiça humana, se fazia criminoso por vindicta contra uma sociedade toda cheia de falhas e que se arvora em puritana para torturar os infelizes que por desgraça momentanea ou pelo mau entender do que seja a moral social, se tornaram criminosos. Em casos tais, Raymundo Corrêa absolvía ainda. Dada, porém, a liberdade em publico e para o publico, chamava em particular o delinquente a seu gabinete e, portas a dentro, a sós, com os ferrolhos corridos, sem testemunhas, exprovara forte e dolorosamente o criminoso, mostrava-lhe as bases fundadas que tinha para condenar-o e, com a lojica acolchoada de bondade, com a sua palavra meiga, com seu espirito de poeta, fazia um pedido, solicitava, implorava ao infeliz que abandonasse o mau trilh em que se metêra. Dizia que lhe dêra a liberdade em troca da promessa formal, que estava certo de obter, de que não reincidiria na culpa e que se tornaria cidadão prestavel. Acabava sempre solicitando que não consentisse que a sociedade o acolhasse, a ele, de juiz injusto e mão, que abria as prisões para soltar no seio da sociedade os criminosos, quais outras *feras* destinadas a destruí-la. E os argumentos calavam fundo e, não raro, as lagrimas que corriam aos pares dos quatro olhos que se fitavam eram o selo do pacto que tacitamente se firmava... e a sociedade lucrava um elemento sã que a ela de novo se assimilava como quantidade util e produtiva, e o juiz sentia o indizível prazer do dever cumprido, satisfazendo plenamente sua

conciencia, ao passo que o coração se dilatava concio de ter efetuado obra meritória.

E assim eram os julgamentos de Raymundo Corrêa.

E' indubitavel que não faltam espiritos irreduzíveis que julgam que a espada de Themis deve ser massica, pezada e inflexivel, que não pôde ter a maleabilidade do florete, que é preciso ferir sempre fundo no coração e não pôde provocar arranhadura compativel com a conciliação. Espiritos ha que pensam que o crime, quando crime existe, só encontra remedio nos formularios dos codigos e que só estes são capazes de trazer a cura para essa molestia social. Se assim fosse, não havia mister de juizes. Bastava que se encomendasse ao inexgotavel genio inventivo dos Americanos do Norte certa maquina, destinada a fazer julgamentos, e em que se entrasse com o fato arguido de criminoso e os artigos do codigo. Qualquer operario boçal daria á manivela e a pena seria distribuida pelas entrôras do maquinismo.

Não é essa a função do Juiz e nem ha codigo possivel que pretenda encargar todas as faces do problema, tão multifaria é a psicologia humana. Os codigos são somente instrumentos grosseiros para avaliar os fenomenos psicologicos. Devem consignar as oscilações maxima e minima a que pôde ser levado o espirito do Juiz, mas não devem constituir aparelho de precisão para medir delitos e distribuir justiça. Os remedios que aconselham, por mais anódinos que pareçam, são por vezes recursos ultimos e ainda muito grosseiros e de que os Juizes só devem lançar mão como medidas supremas e que, praticamente, devem dormir na gaveta dos que julgam. A persuasão, as boas palavras, a convicção, a tolerancia bem entendida e ampla, o exemplo e a justiça que na balança de julgamento use como peso a bondade e a clemencia, colocando-se sempre, no julgar, o Juiz na posição do réu, eis as boas normas que devem seguir aqueles a quem é confiada a difficilissima tarefa de julgar, e a mais difficil ainda de punir.

Esse modo de encerrar a justiça no julgamento das culpas, quando abandonado, deu por vezes lugar a resultados verdadeiramente desastrosos. Se folhearmos a coletanea criminologica vemos que muitos dos criminosos

celebres se tornaram tais como represália á injustiça de que foram vítimas por ocasião da primeira culpa. Muitas vezes era esta perfeitamente justificável e sobre ela bem se poderia deixar cair o esquecimento. Assim, menos criminosos e mais homens proveitosos haveria na sociedade. O tipo do "Plumitas" o bandido celebre, temer da Hespanha, tão bem estudado por Blasco Ibañez em seu livro *Sangre y Arena* é, um desses monstros sociais, filhos da injustiça humana. O genial Victor Hugo encarna na figura simpática do tão bom quão infeliz *Jean Valjean* a vítima dos Juizes que só julgam pela razão. Essa maneira de interpretar a Justiça concretizou Hugo ainda na figura mesquinha, de horizontes limitados, do impoluto executor da Justiça humana, *Javert*, que preferiu a morte a analisar á luz serena da bondade a decisão dos Tribunais que condenou ao carcere *aquele que furto um pão*.

De monstros, filhos da maneira ilojica de distribuir a Justiça, estiveram e estão ainda cheios os sertões de nosso paiz.

Os sertanejos honestos, de hontem, hoje cangaceiros criminosos, por vingança, acham por ignorancia de nossa moral social, que castigar o individuo que os injuriou é ato meritório, não passível de pena. Punidos, preferem romper com a sociedade e se tornarem bandidos. Assim surtiram o Jesuino Brillante e o famigerado José Antonio, do Fechado, no Ceará, e o terror atual dos noristas, Antonio Silvino, que ainda hoje rega de sangue os sertões adustos dos resequidos Estados do Norte do Brasil. O ponto de partida da vida ensanguentada dos cangaceiros foi quasi sempre um desses rigores mal interpretados na aplicação da justiça em crime inicial, passível de tratamento que entre nós instituiu o juiz-poeta, que foi Raymundo Corrêa, que tão bem soube aliar os ditames da razão aos do coração, sem subordinar um ao outro.

Com a pratica desses sãos principios as penitenciarías teriam menos habitantes e a sociedade lucraria outros tantos elementos de utilidade... Quando muito, haveria mister de mais alguns logares nos manicômios: — são os casos incuráveis.

As idéas diretrizes dessas considerações já impressio-

naram certos paizes, como a França, que fez incluir nas suas leis a denominada *lei Bérenger*, que só dá a condenação moral sem exigir o cumprimento da pena aos que, gosando de bons antecedentes, cometeram a primeira falta. E' o reconhecimento, de um lado, da falibilidade da Justiça humana, e de outro lado, da confiança no estímulo ás forças de rejeeneração de carater dos culpados.

As consequências praticas desta benefica lei não têm ainda o alcance consideravel da solução que ao problema deu entre nós Raymundo Corrêa, que absolvía publicamente e condenava em segredo e juntava, assim, no seu condenado todos os sentimentos íntimos e esparsos que formam o *brio* e obtinha a cura do seu doente moral.

Naturalmente, o sistema de therapeutica juridica de Raymundo Corrêa não pôde ser consubstanciado em lei, é uma ação personalíssima: o remedio é o Juiz. Seria necessario que desaparecesse: 1.º o julgamento pelas coletividades como o «juri» — teoricamente instituição admiravel, na pratica pessima — que 2.º, todos os julgamentos fossem feitos por juizes singulares que deviam pautar seu proceder pelo do inolvidavel Juiz que foi Raymundo Corrêa, o medico leigo dos espiritos, que mais fez, absolvendo, que os outros condenando.



Raymundo Corrêa sentia-se melhor escrevendo o verso do que a prosa. Sãs escassas até as pajinas que deixou não metrificadas. Não obstante, quando se tratava de amigo, não trepidava em abandonar a lira e, polemista vibrante, saia a campo, como por exemplo se deu quando tomou a defesa de Valentim de Magalhães contra a critica do romance *Flor de Sangue*, critica que lhe pareceu má e injusta. Ou, então, em sentidos períodos, escrevia em prosa admiravel a biobibliografia de Lucindo Filho, seu companheiro e amigo querido.

Primeiros sonhos — Symphonias — Versos e Versões — Alleluias e Poésias. — Pelas pajinas desses livros do mais formoso lirismo Raymundo Corrêa, em aperfeiçoamento gradual e progressivo, deixou gravadas em versos burilados as vibrações de um espirito de es-

cól, onde a idéia não é sobrepujada pela fôrma, nem a fôrma é sacrificada à idéia.

Nos versos de primorosa beleza onde o sentimento artístico enleva e a pureza de estilo encanta, não se encontra, como norma, o fraseado nebuloso e o escrever arrevezado que caracterizam o estilo falso, afetado, absurdo e gongórico. O poeta quiz mostrar que, se não adotou esse modo de escrever, fizera-o por estética e não por desconhecê-lo, e a prova está na *Ode parnasiana* onde, na feitura dos versos primorosos em que a Musa, atendendo à sua evocação:

« *Em raptó audaz, nas remiges possantes
transporta o meu ideal* »

usou de termos empolados e alambicados, abandonando o vocabulário simples e sonoro que constitui, entre muitos, um dos encantos da poesia de Raymundo Corrêa.

A obra de nosso poeta é um hino constante ao « Belo », quer a beleza se encarne na mulher — a obra prima da Natureza — quer se concretize na paizem encantadora com que o Creador dotou este nosso recanto abençoado do mundo, o Brazil. E no cantar a Mulher — mãe, esposa, filha, ou amante — ou no cantar a Natureza — céu, luz, flôr ou verdura — fez vibrar tão intensamente os sentimentos amorosos, que bem podemos cognominá-lo: « o poeta do Amor ». E todo esse encanto que nos deleita o espírito e que nos faz palpar de emoção está envolto em tenue bruma de doce melancolia que nos vem trazer suave repouso ao espírito quando se empolga de entusiasmo, vibrando fortemente em unísono com as harmonias que se desprendem das primorosas estrofes de nosso Benevenuto do verso.

A obra poetica de Raymundo Corrêa é o evangelho do Amor, sentimento delicioso, que ele estuda sob todos os aspectos. É o Cântico dos cânticos. A força indomável surge no *Eterno amor* e, ao nacer, já é tão forte que resiste à colera divina. É o amor de nossos primeiros pais que, surpreendidos aos beijos e ais no Eden pelo « *Biblico Deus, severo e rigoroso* », sofre o castigo desse Deus que « *sobre ambos a dextra vingadora estende*. » Arrependem-se os culpados, mas o amor, que nace,

não finda « *pois o par amoroso se arrepende de ter amado, mas... amando atinco* », e assim nasceu o primeiro amor com o primeiro casal que veio à terra. E o sentimento que surgiu tão cheio de viço, vigor e força se foi alastrando pelo mundo afóra e ressurge cada dia, ou na donzela que como *Jessica* ao sair do ninho, espera o Romeu que lhe venha beijar « *a purpura em flor dessa pudica bocca* » ou quando incandece de desejos o adolescente, que nas *Primeiras vigílias* sente o ferver de paixões no peito e, a *gemi*, exclama: *abeirai-vos de meu leito, ó sensuezes risões da adolescência*.

O amor desabrochado vai crescendo em cada um — porque o Amor é único, mas só vive em dous. Já nos idílios do *Madrigal* suas metades se procuram.

E o amor criança se torna adolecente e vai progredindo, criando raízes e como a liana de nossas florestas enlaça os entes que se aproximaram e já no *Passeio matinal* o apaixonado lança o convite à sua bela para que desperte e venham fazer juntos o passeio matutino « *cantando e rindo pelo bosque afóra* », e com almas tão unidas que ele já não sabe *qual seja a tua nem qual seja a minha*. O amor se fortifica, cresce a olhos vistos. Na *Missa da ressurreição*, Raymundo Corrêa nos leva em madrugada de Abril, através de nossas perfumosas matas, onde a natureza ainda mal desperta se estremunha nas frondes. Os jasmims alcatifavam a trilha por onde passava a Emma querida, embaçada na capa que a envolvia toda e de tal modo que unicamente:

« *Dous olhos de azeviche enamorados* »

« *E a ponta dum nariz mimoso eu via*. »

As arvôres sonolentas despertavam e os ventos se remexiam:

« *Pelos bambus em bamboleos lentos* »

« *E na espatha e nas palmas dos coqueiros* »

Assiste-se ao romper da aurora, ao partir garrulo das aves que entoavam seus hinos amorosos fornecendo o « *Leitmotive* » do amor que era secundado pelos

fulvos enxames zumbidores dos besouros, das moscas, maribondos e vespas.

Pintando com as cores as mais adequadas o amanehcer de nossos brilhantes dias de Abril, prolonga o poeta o passeio para prolongar o enlevo amoroso com a bem amada, que chega à igreja, já finda a missa da Ressurreição, quando *"as grandolotas rapadas voavam"* e *"da igreja ondas de puro borbotavam"*.

A evolução do amor pelos diferentes estádios da vida humana é estudada progressivamente. Raymundo Corrêa nos faz presenciar a cena do casamento de *"Zulmira"*, e mostra-nos o amor paterno na dor dos pais ao se separarem da filha querida que era o mimo, a frescura, a mocidade.

E como epílogo do amor puro que Raymundo Corrêa cantou desde a orijem até a realização do casamento que une com os vínculos sociais e religiosos os amores amadurecidos, então o poeta o hino à maternidade na sua bela poesia *"Fantina"*.

E continua a cantar o amor. Mais tarde, quando a existência começa a bruxolear e os desganhos a envenenarem a vida, o velho de cabelos brancos já despidido dos belos sonhos e ilusões da mocidade ainda sente palpitar no peito o amor da nota, em que vê resurgir duas vidas. É a *"Luizinha"* garrula e ridente ameaça como um alívio

"O avô-ancião de rosto austero e duro"
"De nivas barbas e cabelo niveo".

Mas o amor não vive livremente. Parasitos se prendem à árvore em que frutifica, atrasando-lhe o desenvolvimento, fazendo-a delinhar e matando-a, mesmo. A desilusão, a traição, o ciúme, o ódio são todos cantados sentimentalmente nas deliciosas estrofes de: *"Soror patida"* — *"Vulnus"* — *"Missa aldeia"* — *"Beijos do céu"* — *"Continência"* e... e tantas outras perolas desse escripto inegável que é a coletânea poética de Raymundo Corrêa.

Mas toda essa obra é coberta de nevoeiro diafano de melancolia, que ora se condensa, em lágrimas suas como nas *"Peregrinas"*, ora, como nas *"Pombas"*

envolve os sonhos que celeres voam e *"que ao coração não voltam mais"*, ora amortalha a mocidade que, como no *"Vinho de Hebe"*, passa por nós *"e não torna atrás o seu caminho"*.

Outras vezes vai até o fundo do coração e da *"alma, esponja de lágrimas e fel"*. A *"estrela funesta"* das *"Harmonias de uma noite de verão"* envenena o espírito que sucumbiria se *"uma alma compassiva"* não fizesse que todos o males se cristalizassem na dor que distilada no coração deu a lagrima consoladora que tremula e reluz. *"Subio do coração, dos olhos vai cair"* e se transforma em prantos, ultimo alívio de quem chora e que leva o nosso poeta a bemdizer a dor que póde, como no *"Balsamo dos prantos"*

"Na aridez desses olhos sempre enxutos"
"Duas fontes de lágrimas rasgar".

E saudades, e esperanças, e desilusões, e temores se sucedem e se entrecrocaram nos versos maviosos e formam a essência desse véu, brumoso tecido de tristeza que envolve a obra mascula do *"poeta do Amor"*.

Mas Raymundo Corrêa é brasileiro, nasceu na terra que a Natureza dotou com as maiores belezas que se conhecem e que imaginam se podem. Por isso, poeta — exímio pintor — que sabe dar com a pena os coloridos vivos e quentes de nossa natureza, traçando as mais belas paizagens de nossa terra: cenógrafo incomparável — emprestou ao colorido de nosso céu, às infinitas variantes de nossa verdejante vegetação, às cambiantes de nossos incomparáveis crepúsculos o cenário em que canta o poema inextinguível do Amor, acompanhando-o das sinfonias compostas do sussurro de nossas fontes, do cantar dos nossos passaros, do siciar das brizas pelas frondes dos coqueirais. Tudo nos faz cair em místico panteísmo diante do esplendor de nossa natureza e de nossa poesia.

Na técnica do verso Raymundo Corrêa foi de admirável correção. Seus versos de utilidade pasmosa

não são forçados e correm da pena faceis e cheios de graça e de belezas outras, que não exclusivamente a da forma metrica.

Soubes, com um malabarismo admiravel dos vocabulos, tirar deles efeitos surpreendentes. Usou das figuras por contraposição com elegancia e parcimonia. Colocava um ao lado de outro, termos de contraste que se realçam mutuamente e que dão maior destaque á idéa a que servem. Outras vezes, na successão dos vocabulos vêm-se colidir idéas antagonicas com o mesmo intuito de fazer ressaltar a idéa diretriz. Lembra a feitura desses versos, a aplicação das leis dos contrastes simultaneo, sucessivo e mixto das côres, de que o imortal Chevreul soube tirar tão grande partido e cujas leis estabeleceu em bases tão científicas. Esse modo de empregar palavras que nos fazem a impressão de serem coloridas, nos dá a idéa da disposição conjunta das cores complementares que nos proporciona as harmonias do contraste e se fazem sobressair mutuamente dando mais vida ao assunto tratado. E' como a colocação lado a lado do vermelho e verde, do alaranjado e azul, do amarelo e violeta, etc.

Pôde-se afirmar que poucos em nossa lingua levaram mais longe o apuro do verso. Seus decasilabos e redondilhas, principalmente, são de inextinguível perfeição. Muito poucos são os poetas que, como ele, souberam variar ou deslocar nos versos as pausas, por necessidade de melhor expressão ou por quebrar a monotonia do ritmo. O emprego parcimonioso e artistico do transbordamento (*enjambement*) é outra de suas admiráveis qualidades.

O adaptar com precisão o vocabulo á idéa ou sentimento a exprimir, o acerto dos epítetos, fazem Raymundo Corrêa, neste particular, emulo digno de Garção e Tolentino, em cujas poesias, raro se poderá substituir com vantagem, por outro, tal verbo ou qualificação. Suas rimas, nunca vulgares ou pobres, têm excelsa nobreza. Sente-se que elas nasciam sem esforço e já opulentas e belas, esmalçando, quais gemas preciosas, suas estrofes inimitaveis, verdadeiras joias cêlinicas.

Havia em Raymundo Corrêa um poeta que, se es-

crevesse na lingua que adotou Heredia, seria capaz de de ter produzido a coleção dos *Trophées*; mas ai estão suas *Poesias*, para encher de patriótico orgulho os que falam a suave lingua que embalou a nossa infancia.

Quanto á escola poetica, era sincero e fervente entusiasta do parnasianismo francês, como aliás consta da profissão de fé exarada no prefacio da primeira edição das *Poesias* e como se manifestou praticamente na execução de sua obra poetica.

Relanceemos por essa escola e vejamos quais os estádios de sua aclimação nos paizes de lingua portuguesa, mórmente no Brazil.

Em 1865, em Pariz, certo numero de poetas novos rimava, obedecendo á orientação de alguns nomes que tinham conseguido primasia entre eles.

Eram mestres: Leconte de Lisle, em torno do qual se grupavam Sully Prudhomme, J. Maria Heredia, Armand Silvestre e Leon Diernx. Outros obedeciam á orientação de Catulle Mendès, o poeta proteu, o rei do simil, o corrução da literatura, que ora tomava a pompa de Victor Hugo, ora se confundia com Gautier, na admiravel memoria dos vocabulos, ora se tornava encantadoramente diabolico como Beaudelaire, ora era Heine na sua divinição morbida da mulher, ora Zola no seu realismo por vezes revoltante. Catulle Mendès fundara a *Revue Fantaisiste*, em que publicaram seus versos Fr. Coppée, Albert Glatigny, Villiers de l'Isle-Adam, Méral e Vallade.

O livreiro Lemerre, que se fizera editor do jornal de Louis Xavier Ricard, intitulado *L'Art*, entrou em accordo com os representantes desses diversos grupos de poetas, que se afastavam francamente do velho romantismo que até então preponderara na poesia francesa, e lembrou a idéa de se fazer da revista um repositório poetico como os que se encontravam no seculo XVI. Publica-lo-ia em fasciculos, que pudessem ser ulteriormente reunidos em volume. A idéa foi aceita, e, discutindo-se o titulo da nova revista acordaram em que se lhe desse a denominação de *Parnasse contemporain*, como cartel atraido aos criticos. Com efeito, a este nome *Parnas-*

se a poesia do século XVIII e do Imperio tinha afivelado a idéa do ridículo.

O novo jornal de arte poetica deveria ser para a poesia, segundo o desejo de seus fundadores, o que o *Salon* era para a pintura. Fundado o *Parnasse contemporain*, em 1866, nele começaram a aparecer os versos das escolas reformistas de Leconte de Lisle e Catulle Mendès, e mais os de outros poetas que se grupavam em torno dos nomes de Th. Gautier, de Theod. de Banville, de Ch. Beaudelaire. Todos eles se tinham reunido ali sob a ejide e à sombra do grande carvalho da poesia francesa: Victor Hugo.

O *Parnasse contemporain* se apresentava como reformador e, como tal, logo alvejado pelos mais acerbos ataques. Foram, então, os poetas que nele colaboravam intitulados pela critica mordaz de *parnasianos*, vocabulo que corria nos dicionarios da época como significando *fabricante de versos ridiculos*.

A escola que então se instituia, se apresentava sobretudo, como vestal do estilo, ciosa antes de mais do ritmo e da beleza plastica do verso. Era o renascimento poetico, succedendo ao romantismo exgotado. E como a fôrma corréta e a pureza do estilo constituíam preocupação capital da nova escola, foram os seus adeptos cognominados pejorativamente de *estilistas*, *formistas*, *fantasistas* (alusão à *Revue fantaisiste* de onde tinha tomado uma de suas origens).

O ridículo, lançado sobre os novos, caíra no domínio do povo. A cousa chegou a tal ponto que, conta Catulle Mendès: Por ocasião de atropelo de carros em certa rua de Paris, um dos cocheiros que se disputavam — porque disputar é proprio dos cocheiros de Paris — depois de ter esgotado o enorme vocabulario de insultos populares atriou a seu adversario vencido, essa injuria suprema, contra a qual não havia a retorquir: « *Parnassien, va* ». E assim eram tratados os parnasianos, que, segundo Catulle Mendès, só tinham o crime de não ignorarem completamente a sintaxe franceza e se deleitarem com o som das boas rimas.

Pouco a pouco os poetas do « *Parnasse* » se foram dispersando e readquirindo liberdade, formando escolas outras. Dentre os talentos mais orijsinaes, que momen-

taneamente se tinham grupado em torno do programa da nova revista e que se foram libertando para constituir novos centros, cumpre citar Ch. Beaudelaire, Sully Prudhomme, Fr. Coppée, Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine. O evoluer destes dous ultimos teve repercussão especial e imprimiu grande força sobre a direção do recente movimento poetico francez, a que pertencem os poetas a que se tem dado successivamente as denominações de *decadentes*, *deliquecentes* e *simbolistas*.

E foi assim que se originou a *escola parnasiana*.

Ao mesmo tempo que em França se fazia a reacção a favor da fôrma e do estilo, em Portugal igual movimento se processava.

Antonio Feliciano de Castilho, em carta que dirijiu ao editor do livro « Poema da mocidade », de Pinheiro Chagas, acusa de faltos de bom-senso e bom gosto os literatos que, em Coimbra, se tinham filiado ao grupo capitaneado por Anthero do Quental, Theophilo Braga e Vieira de Castro.

Essa carta deu inicio à denominada questão coimbrã — 2 de Novembro de 1865. Ao escrito de Castilho, que contava então 60 anos, responde Anthero do Quental, que tinha apenas 25, com outra carta intitulada « Bom senso e bom gosto. » Ai se faz o mais aggressivo ataque ao ancão illustre. E' accusada a escola lisboeta, de que era chefe Castilho, de não ter idéas e de não serem seus adeptos senão « *adoradores da palavra que ilude o vulgo e desprezadores da idea que muito custa e nada luc* ».

São os lisboetas considerados « *apostolos do dicionario que tem como evangelho am tratado de metrificacão* ». Anthero do Quental julga que o ataque da escola de Lisboa não visa à escola coimbrã, senão « *a independencia irreverente dos escriptores que entendem fazer por si sem conculho sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só a seu trabalho e sua consciencia* ».

Assim se travou em Portugal, no terreno literario, uma das mais apaixonadas lutas em que, de parte a parte, houve os maiores excessos de linguagem e injustiças de julgamento. Não cabe aqui assinalar os marcos desta luta que envolveu quasi todos os literatos da terra de nossos antepassados e nem se pretende fazer allusão

aos numerosos folhetos e pasquins que então se publicaram e onde corre o fel de discussão envenenada e agressiva.

Lisboa se batia pela forma, pelo bom estilo, pela sintaxe, pela beleza da língua. A escola coimbrã achava que a ideia sobrepuja a tudo, mesmo quando era nebulosa e exposta em estilo falso e afetado. E o era de tal modo, que Bulhão Pato, a ele se referindo dizia, que uma das maiores provas do absurdo daquele estilo é *que para o defenderem precisam de o abandonarem*.

A refrega continuou e nela tomaram parte saliente, além de outros, Pinheiro Chagas, Julio de Castilhos, Camillo Castello Branco, Theophilo Braga e Ramalho Ortigão. O resultado favorável não tardou em se manifestar e as letras portuguesas só tiveram a lucrar.

Foi por volta de 1880 que aqui no Rio, se reuniam no antigo Café Cruzeiro, alguns talentos que se tornavam promissores das celebridades que hoje nos honram, para ouvir as impressões e a palestra amena daquele que transplantou para o Brasil o parnasianismo francês, e que aqui fez a sua aclimação. Arthur de Oliveira, que privava na intimidade dos que frequentavam a redação do *Parnasse contemporâneo* e que se identificava com as ideias diretrizes da escola, referia a nossos jovens poetas como os parnasianos intentaram estabelecer na França o culto da forma, como se trabalhava ali no burilar do verso, como se afinava a pena para obter a musica dos sons, como se combina a sílaba aguda á grave na harmonia dos vocabulos. Preleccionava com entusiasmo sobre a composição do verso, sobre a maneira de vestir a ideia com graça e donaire, e não deixava andrajosa e analfabeta. Foi aí, nesse café, que se acrisolou entre nós o núcleo dessa poesia artistica onde os novos admiravam e pensavam fazer no verso o que na estatuaría fizera o immortal autor do Persée, que enriquece a «Loggia dei Lanzi», na capital artistica da artistica Italia.

Nessas palestras, Arthur de Oliveira relatava a emoção que experimentara quando foi apresentado a Victor Hugo e o horror que sofrera ao se sentir, em casa de Hugo, caricaturado por Gustavo Doré: a caricatura —

a prostituição do semblante — como ele dizia horrorizado.

Ouviam-n'o recitar as belas peças de poesia parnasiana, entre outros, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa e o mais brilhante dos parnasianos, a gloria mais pura da poesia brasileira contemporanea, cujo nome vejo brotar dos labios de todos e que não declino medroso de ofender a pureza de sua modestia, tão grande quanto o talento que orijinou a "Ode ao Sol".

E foi assim que se fundou entre nós a escola parnasiana, de que Raymundo Corrêa foi um dos mais lindos representantes.

Homem — personificação da bondade que se cristaliza no juiz que corrige, perdando. Poeta mavioso — que entou o mais empolgante hino ao Amor, em estancias em que as mais belas ideias são vestidas da mais impecavel forma. Conhecedor profundo das belezas de nossa lingua. Estatuario da poesia, cinzelador do verso, pintor de nossa natureza, musico das mais harmoniosas e sonoras rimas, Raymundo Corrêa foi gloria purissima das letras patrias: estilista, formista, fantasista, parnasiano — injurias de outros tempos; hoje titulos de invejaveis glorias.



